

Narcisismo e configurações vinculares buscando uma ilusão

Graciela Selenner/Diana Singer

Escolher uma estrutura centrada na paridade fala da necessidade de manter um ideal igualitário

A caminho

Os determinantes de nossa escolha profissional atuam sempre em nossas atitudes. Foi por isso que uma vez mais nós, as autoras, decidimos dar outra volta pelas vicissitudes de um grupo de profissionais associados para investigar a clínica psicanalítica. Esse grupo está configurado como um grupo de pares sem estratificação em sua estrutura orgânica que institucionalizem a assimetria.

Escolher esta instituição para ilustrar este trabalho não é casual. O fato de pertencer a ela e sua peculiar organização determinaram que ela se apresente como um campo propício para a observação de diferentes fenômenos da dinâmica grupal.

Queremos, neste trabalho, dar conta do lugar que o narcisismo ocupa na pertinência a grupos. Apesar de descrevermos momentos regressivos e de resistência à tarefa, esses sustentam a progressão e a criatividade.

Percorramos juntos este caminho.

Descobrimos, há algum tempo, que, embora este grupo se houvesse reunido com um objetivo manifesto, um desejo o tornava coeso, como a todos os grupos. A título de exemplo, reproduzimos um parágrafo de uma convocatória dirigida a um grupo de colegas, em janeiro de 1977: "Embora seja um projeto aberto, temos alguma idéia do que pretendemos fazer: uma instituição com um lugar físico próprio, que funcione como pertinência e referência para cada um dos

Graciela Selenner/Diana Singer — psicanalistas pertencentes ao "Ateneo Psicanalítico de Psicólogos" - Bs.As.

integrantes; uma instituição em relação à qual se desenvolvam nossas atividades e projetos profissionais mais ambiciosos; uma instituição que sirva como estímulo e continente para nossas inquietudes; uma instituição onde possamos colocar nossos conhecimentos e experiências”.

Esta instituição surge com o objetivo de realizar desenvolvimentos em psicanálise, mediante o intercâmbio científico em um âmbito de cooperação. É um grupo de pares que escolhe seus objetivos e avalia sua atividade, assumindo as funções necessárias para a evolução.

Isso surge do interjogo de propostas e contrapropostas até chegar a um acordo. Nasce em 1976. Num momento em que a desestruturação social e o império de uma ordem perversa são sentidos com todo seu vigor. A ameaça destrói os grupos de pertinência, sustento da identidade. A falta de uma legislação profissional e a proscrição do ingresso às instituições às quais pertenciam aqueles que foram inicialmente nossos professores e, posteriormente, nossos analistas marcaram claramente e em pouco tempo quais eram as identificações que tínhamos de desfazer e que íamos desinvestir, sustentados na fratria.*

Foi pela impossibilidade de nos instalarmos em uma relação paterno-filial que passamos a uma fraternal. Desinvestir o professor e investir o semelhante era a tarefa latente para proteger a auto-estima. As defesas narcísicas a regulam e a defendem.

Narcisismo busca ilusão. Intermediários apresentem-se.

Procuramos então um lugar de saída, de referência e pertinência que fosse um novo espaço em que se forjasse a ilusão, em que se sustentasse um desejo mais insatisfeito que nunca.

Um espaço constituído como se fosse um fetiche, em que a castração não existe e, também, um lugar para se restaurar o narcisismo maltratado. Um espaço de criatividade para se atravessar o incompreensível e encontrar significados. Um lugar para confiar.

O grupo é uma forma de organização social. É um espaço transicional, o espaço da ilusão. Lugar da experiência sociocultural, ordenador e criador de relações do intrapsíquico com o intersubjetivo.

Há grupo quando uma rede de identificações começa a funcionar e a reunir os integrantes. O grupo

O grupo é um espaço transicional, o espaço da ilusão. Lugar ordenador e criador de relações do intrapsíquico com o intersubjetivo

atua assim como limite, continente, conteúdo e modelo para os indivíduos que o integram. Sustenta-se em duplo apoio com eles, particularmente sobre as formações do psiquismo individual e os grupos sociais externos a esse grupo.

Construir um grupo é ter a ilusão de pertencer a um corpo imortal, indiviso e onipotente. O grupo dá a sensação de completude que opõe o sujeito à sua própria fragmentação. Diz Kaës (1981): “O grupo dá ao sujeito a imagem de sua unidade perdida e

o apoio necessário para superar o desamparo; procura fora o que faz falta dentro: a não divisão, a continuidade, a segurança da unidade, a coerência, a permanência”.

Grupo de pares Grupo de pais

Grupo de pares “Grupo de pais” é um ato falho que retorna na fala de quem, ao longo de três anos, investigou esse tema. Presente do inconsciente, resposta a como o narcisismo é lido neste trabalho. Parece, então, que o grupo de pares remete, no inconsciente, ao grupo familiar. A função narcisista libidinal é a função estruturante do sujeito. Dizia uma de nós, em um trabalho anterior (FORNARI, N.; GRASANO, G.; MOSCONA, S.; SINGER, D.; VARELA, M. 1986): “Um dos aspectos que marca o desenvolvimento do aparato psíquico: a prematuridade do nascimento impede ao bebê humano uma imagem completa de si. Esta imagem lhe será dada por um outro que lhe é semelhante e aí ficará capturado pela fascinação até que um terceiro sirva de ruptura e comparação”. Instala-se aqui uma tríade: Desamparo, Amor, Fascinação. A terceiridade que se introduz nessa unidade simbiótica irá paulatinamente abrindo espaços para a discriminação.

Sabemos que “... todo grupo se sustenta por identificações simultâneas e/ou alternativas do ego ideal e do ideal do ego. Os sistemas dogmáticos promovem e manejam uma série de saberes que auxiliam promoção de identificações maciças. Tais saberes têm a ver com ideais narcisistas de perfeição. Quem denunciar a falsidade dos mesmos pode transformar-se em vítima da hostilidade promovida pelo narcisismo ameaçado”.

A recomposição egóica é, em última instância, a recomposição narcisista e configura a dialética da identidade, tarefa na qual o ego está eternamente comprometido.

Atravessar a pertinência a grupos é se dar conta de que a tarefa, da qual nas origens o grupo familiar se apropriou, tarefa de “narcisizar” e identificar, é interminável.

A partir deste caminho propomos: *um grupo que seja tomado por um sujeito como grupo de referência passa a ser um grupo de pertinência, quando seu narcisismo fica preso nele.*

Grande parte das vicissitudes que atravessará será em função desta pertinência, pelo investimento libidinal que o sujeito faz no grupo e vice-versa.

Os conteúdos que, apoiados no grupo, lhe dão forma o convertem em continente dos investimentos que os membros do grupo façam e assim sucessivamente.

Diz Bleger (1971): *“Quanto mais o grupo tenda a estabilizar-se como organização, tanto mais o grupo tende ao objetivo de existir por si mesmo, marginando ou sujeitando o objetivo próprio do grupo a este último objetivo (...) Este fenômeno corresponde ao que considero uma lei geral das organizações, a saber, que em todas elas os objetivos explícitos pelos quais foram criadas correm sempre o risco de passar a um segundo plano, passando para o primeiro plano a perpetuação da organização como tal. E isto ocorre fundamentalmente não apenas para conservar a estereotípia dos níveis de ação, mas, especialmente, para resguardar e assegurar a clivagem, a deposição e a imobilização da sociabilidade sincrética”.*

A ilusão grupal

Escolher uma estrutura centrada na paridade nos fala da necessidade de manter um ideal igualitário. Esse ideal pode ser interpretado como uma formação reativa frente a uma fantasia temida: que a desigualdade desencadeie uma luta fratricida que destrua o grupo.

Como no grupo de pares não há um líder fixo em que se possa situar a dependência e esperar uma ordem, o ideal se desloca ao próprio grupo. Surge a necessidade de que não apareçam as

Como no grupo de pares não há um líder fixo em que se possa situar a dependência e esperar uma ordem, o ideal se desloca ao próprio grupo.

diferenças que tornam evidentes a rivalidade e a competição e atenção contra a fusão.

Neste caso, o grupo cumpre a função de ego ideal, no processo de identidade profissional. “É a imagem da onipotência narcisista” (ANZIEU, D., 1980). Aí se deposita o amor a si mesmo e a incapacidade de renunciar à completude. O grupo passa a funcionar como o possuidor de todos os atributos de máxima valoração.

Desta maneira se constitui a ilusão grupal que, como diz Anzieu, “e o sentimento de euforia

que os grupos em geral e os grupos de formação em particular experimentam em alguns momentos e se expressa no discurso dos participantes da seguinte maneira: ‘estamos bem juntos’, ‘somos um bom grupo’.” Surge como um deslocamento defensivo em relação ao objetivo verdadeiro, que é desejado, porém, temido: o intercâmbio científico entre pares, objetivo que é a tarefa manifesta do grupo. Entretanto, o fundamental nesse momento de ilusão grupal, é a restauração coletiva dos narcisismos individuais ameaçados, tanto pela perda dos grupos de pertinência prévios, como

pela inclusão em um novo grupo. Essa situação mostra claramente que a tarefa latente consiste em que o grupo proveja identidade. Os pares se convertem em figuras de identificação, há homologação e fusão. Embora existam normas, não se discriminam facilmente as funções. Não se delega, quando isso traz junto a fantasia de que possam aparecer atritos que evidenciem as diferenças e possam desencadear uma ruptura do grupo.

Dessa forma, esse grupo cria a ilusão grupal, como defesa frente à ambigüidade, aumentada pela necessidade de organizar ano a ano a tarefa e o modo de funcionamento. Ambigüidade para Bleger (1978) “(...) é indiferenciação, que equivale a dizer déficit de discriminação e de identidade”.

Mas acontece que a divisão de tarefas e a circulação do poder no grupo de pares põem em perigo a igualdade de todos, dificultam a distribuição de papéis; talvez por isso surge a necessidade de distribuir equitativamente: “Todos devem passar pela experiência de

TEXTOS

coordenar, sintetizar e pelo exercício de funções nas diferentes comissões”.

A liderança fica determinada por mecanismos estipulados institucionalmente, circunstância que ocasionalmente dificulta a emergência de líderes funcionais e naturais.

Pólo Primário e Pólo Secundário

Qualquer configuração vincular é uma organização social que se dá em um tempo e espaço determinado e se apóia em uma trípole. Seu devir depende:

a. da estrutura psíquica individual de seus membros;

b. da capacidade do grupo em transitar pelo pólo primário e secundário, tolerando a ambigüidade que os processos de desestruturização geram;

c. da consciência de sua determinação e apoio sobre a realidade sociocultural e o múltiplo impacto que esse atravessamento produz.

Neste trabalho, descrevemos a evolução do pólo primário, que sustenta e determina em grande parte o desenvolvimento do pólo secundário em uma estrutura grupal. Classicamente, ouvimos falar de grupo primário e grupo secundário. Os grupos primários são aqueles que geram e aperfeiçoam a identidade de seus membros. O paradigma desses grupos é a família. No grupo secundário, a tarefa é a modificação do entorno, com a produção de cultura. Acreditamos que todos os grupos sintetizam em si, estes dois trabalhos (BERNARD, M. 1981). Quando falamos de pólo primário nos referimos àquela configuração que trata da estruturação dos *haveres* da identidade dos membros de um grupo, isto é, uma tarefa estruturante e modificadora dentro do próprio seio da estrutura grupal. Trabalha-se no crescimento

dos membros e do grupo. Quando falamos de pólo secundário, falamos de um grupo que trabalha, de dentro para fora, tratando de modificar a realidade e dos *saberes* que esse grupo gera por meio da criação e da participação em eventos culturais. Afirmamos que as configurações vinculares, tanto as denominadas grupos primários quanto grupos secundários, atravessam os fenômenos que caracterizam esses dois pólos.

Todo grupo atravessa em sua história momentos de burocratização em que predomina o pólo primário. São os de maior inserção narcisista e dependência de seus membros. Em outros momentos, predomina o pólo secundário, caracterizado por maior discriminação e produtividade. Esses dois pólos se alternam e se superpõem.

A burocratização sustentada é o prelúdio que anuncia o aparecimento de uma crise. Estar atento a seus sinais e à sua compreensão atenua a anomia à qual, por momentos, seus membros sucumbem e, diante da impossibilidade de sustentá-los, alguns se inscrevem rapidamente em situações alienantes.

Síndrome da Burocratização

Registra-se a partir de certos índices:

a. diminuição da criatividade, originalidade e quantidade de produção;

b. prolongamento de prazos fixados para dar conta da produção. Sensação de perda do sentido da produção;

c. insistência no cumprimento das normas de interação, apesar do empobrecimento dos intercâmbios, com o objetivo de preservar a estrutura;

d. aparição no discurso de elementos que tendem a ratificar a pertinência;

e. impossibilidade dos membros de conceitualizar a dinâmica grupal na qual estão inseridos, caso não se distanciem do problema no qual estão implicados.

Com o tempo, no transcorrer de um grupo, aumenta o número de interações, aparecendo uma heterogeneidade crescente no interior da estrutura; as relações se tornam mais complexas. Surge, então, a necessidade de uma idéia, um projeto ou o impacto do externo ao grupo. Estes atuam como terceiridade, indispensáveis para romper a defesa que o grupo erigiu frente à ansiedade confusional que a situação gera.

O aparecimento de vínculos diretrizes que marcam um salto qualitativo no sistema é o que possibilita a formação desse terceiro.

Na elaboração dessas situações, é importante evitar o desvio da agressividade a um “bode expiatório”, verdadeiro remédio para obter a coesão.

O paradigma a ser encontrado por estes grupos seria como crescer aceitando a desilusão que implica saber que o outro é um semelhante, mas não é um idêntico. Aceitar as diferenças é aceitar a assimetria que permite o surgimento de lideranças funcionais, não de entronizações, que só produzem o submetimento a um poder ilimitado que condena à alienação. Se assim fosse, ficaríamos sujeitados por quem quisesse impor sua verdade independentemente de questões éticas.

Grupos burocratizadas

M. Bernard, ao referir-se a grupos burocratizados, propõe que as inserções narcisistas em grupos e a burocratização correspondente estão intimamente ligadas com os fenômenos que compõem o sentido de pertinência em tanto e quanto atua como reforço

de uma identidade deficitária. Nesse sentido, distingue entre "identidade do papel", baseada no exercício da tarefa grupal comum e manifesta, em contraste com a identidade de pertinência, consequência da fusão narcísica do sujeito com seu papel grupal, com os consequentes efeitos na estrutura grupal de papéis (e, portanto, na tarefa) e no tipo de dependência do sujeito com seu grupo.

"A pertinência ao grupo aumenta, por este mecanismo, a indiferenciação entre os membros e esta, ao aumentar a possibilidade de depósito do ego ideal com o sentimento de altivez correspondente, estimula a pertinência" (BERNARD, M., 1987).

Desta forma, surge a pertinência que dá identidade. A burocratização desenvolve-se como um momento do grupo que aparece como alternativa a um grupo de trabalho. Nesse momento, diminui a possibilidade de intercâmbio científico, cristaliza-se o conhecimento e não há contatos com grupos externos. O externo ao grupo torna-se ameaçador para a ilusão grupal; só é possível sobrepujar esse momento tendo uma leitura e compreensão da disfunção no pólo primário que permita resgatar a tarefa e os objetivos propostos no pólo secundário.

Através de um grupo de reflexão, o grupo instrumento se torna objeto para perceber-se em seus vínculos e seus processos de interação. Essa metabolização realizada faz com que o grupo de reflexão cumpra simultaneamente a função operativa de elaboração das ansiedades e a de assembléia permanente na busca de consenso para a tomada de decisões. No entanto, isto é tedioso e difícil, principalmente se se está em um período de burocratização.

"O reconhecimento e a tolerância das diferenças são, segundo nosso critério, um vetor central

de observação, conflito e motor de crescimento no grupo de pares", tal como está proposto em um trabalho anterior do qual participou uma das autoras (AISEN-SON, D.; GRASANO, G.; MOSCONA, S.; SELENER, G.; WOSCOBOINIK, P., 1987).

Junto à inevitável rivalidade se manifesta o temor de sobressair ou de perder posições. É que entre as vicissitudes do vínculo fraterno se inscrevem fantasias muito arcaicas da espécie humana.

Discriminar e sobressair pode ser vivido pelo resto dos membros como um ataque ao mito da unidade fusional do grupo.

Este trabalho tentou atravessar o caminho de uma ilusão, tratando de desfazê-lo.

Assim, o tempo passa, o grupo segue forjando ilusões, produzindo conhecimento e servindo-nos de sustentação.

Conclusões

1. Um grupo se organiza ao redor de um projeto e um desejo o torna coeso.

2. O narcisismo busca ilusões e forja a ilusão grupal, que é motor e obstáculo nas configurações vinculares.

3. É a inscrição narcisista que, instituída na ilusão grupal, faz com que um grupo de referência passe a ser para um sujeito um grupo de pertinência.

4. Todas as configurações vinculares atravessam o pólo primário e o pólo secundário. O primeiro fala de seus haveres e o segundo, de seus saberes.

5. Estes fenômenos ocorrem no pólo primário da configuração e são um dos determinantes da dinâmica do pólo secundário.

6. Quando um grupo se torna estereotipado no pólo primário, aparece a síndrome de burocratização.

7. Em uma estrutura grupal, a

burocratização sustentada é o prelúdio que anuncia o aparecimento de uma crise que se resolve com o aparecimento de uma terceiridade que a estrutura.

8. Há estruturas que se consolidam como grupo burocratizado. Cristaliza-se o conhecimento. Seus membros pertencem, para ser.

9. O grupo instrumento se torna objeto. Em um grupo de reflexão aparece a terceiridade que orienta a reestruturação da configuração.

BIBLIOGRAFIA

- Aisenson, D. Grasano, E. Moscona, S. Selener, G. Woscoboinik, P. "El grupo de pares como opción democrática de formación de postgrado e investigación: Ateneo Psicoanalítico de Psicólogos". Congreso de Instituciones Privadas. 1987.
- Anzieu, D. — "El grupo y el inconsciente". Biblioteca Nueva, 1980.
- Anzieu, D. Béjarano, A. Kaës, R. Misenard, Pontalis, J.B. — "El trabajo psicoanalítico en los grupos". Siglo XXI. 1978.
- Bernard, M. — "Consideraciones sobre la tendencia a la burocratización en los grupos terapéuticos, dramatización e interpretación". Revista de la AAPPG, X, 1.
- Bernard, M. — "Identidad y pertenencia". En Temas Grupales, Edic. 5. No2 1987.
- Bleger, J. — "Simbiosis y Ambigüedad". Paidós, 1978.
- Bleger, J. — "Temas de psicología". Nueva Visión. 1971.
- Brusset, B. — "El vínculo fraterno". Revista A.P.A. 1987.
- Fornari, N. Grasano, E. Moscona, S. Singer, D. Varela, M. "Dictadura, democracia y trabajo psicoanalítico: un grupo de pares". En Temas grupales por Autores Argentinos. Edic. 5. 1986.
- Kaës, R. — "El apoyo grupal del psiquismo individual". Temas de Psicología Social. Año 4. Número extraordinario.
- Laplanche J., Pontalis, J.B. — Diccionario de Psicoanálisis. Labor, 1979.
- Merton, R.K. — "Teoría y Estructura Social". Fondo de Cultura Económico. 1967
- Paz, R. — "Teoría y clínica del narcisismo". Clase I.
- Puget, J. Bernard, M. Games Chaves, G. Romano, E. — "El grupo y sus configuraciones". Ed. Labor 1982.
- Ulloa, F. — Mesa redonda organizada pelo CIAP sobre "Violencia en las Instituciones". 1988.